

UM CERZIR FÍSICO-SOCIAL: REGENERAÇÃO URBANA EM TORRES VEDRAS, PORTUGAL

EL ZURCIDO FÍSICO-SOCIAL: REGENERACIÓN URBANA DE SÃO VICENTE, TORRES VEDRAS, PORTUGAL.

A PHYSICAL-SOCIAL SEAM: URBAN REGENERATION IN TORRES VEDRAS, PORTUGAL

NASCIMENTO, JOSÉ CLEWTON DO

Doutor, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. e-mail: jclewton@gmail.com

CAVALCANTE, EUNÁDIA SILVA

Doutora, Universidade Federal do Rio Grande do Norte e-mail: eunadiacavalcante@gmail.com

RESUMO

Este artigo visa relatar uma experiência, norteada por pesquisas desenvolvidas acerca das ações empreendidas pelo Programa de Regeneração Urbana da Encosta de São Vicente, na cidade de Torres Vedras, localizada no oeste de Portugal, há 50 km da cidade de Lisboa. Procuramos identificar nas referidas ações a aplicação prática das bases conceituais relacionadas à conservação integrada / reabilitação urbana integrada, apresentadas nos objetivos traçados pelo referido programa, notadamente a integração / coesão, nas dimensões física e social. Utilizamos como estratégia metodológica do relato e análise: a experiência da realização e registros do percurso, amparado na base fenomenológica do “estar no lugar”, como espaço dotado de sentido, caráter, e com base existencial. e norteados pelo conceito de Topofilia, entendido como fato social percebido e experienciado, da vida, do cotidiano e do sentido [ou significado] do lugar. Neste percurso, poderemos identificar ações relacionadas às três vertentes definidas pelo programa: Mobilidade, através do Plano de Ação de Mobilidade Urbana Sustentável (PAMUS); Requalificação urbana, através do Plano de Ação de Regeneração Urbana (PARU), e habitação de interesse social, através do Plano de Ação Integrada para as Comunidades Desfavorecidas (PAICD), vinculando-as à uma identificação da materialização dos princípios da conservação integrada nas ações executadas, contemplando as três vertentes mencionadas. Em síntese: as ações empreendidas primam pela integração / coesão físico-social das três áreas intervencionadas, em etapas distintas, porém continuadas: o centro histórico, o parque do Choupal, e a Encosta de São Vicente.

PALAVRAS-CHAVE: regeneração urbana; Encosta de São Vicente; estar no lugar.

RESUMEN

Esta ponencia intenta relatar una experiencia de reconocimiento de las investigaciones y acciones desarrolladas en el seno del Programa de Regeneración Urbana de la Encuesta de São Vicente, en la ciudad de Torres Vedras, oeste de Portugal, situada a 50 km de Lisboa. Ese Programa tiene como base conceptual la idea de conservación y rehabilitación urbana integradas, con la cual se presentan los objetivos de cohesión e integración en sus dimensiones físicas y sociales. La idea es comprender como las acciones y prácticas expresan esos conceptos. Para tanto, la estrategia metodológica se basa en la experiencia de caminar y relatar, desde una perspectiva fenomenológica de “estar en un lugar” – un espacio dotado de sentido, carácter e base existencial. Se basa además en el concepto de “topofilia”, que se comprende como hecho social que articula los sentidos y las experiencias de la vida cotidiana y de los significados de un lugar. En ese acto de caminar, podremos identificar los tres ejes definidos por el Programa, a decir, Movilidad (con el Plano de Movilidad Urbana Sostenible - PAMUS), Recualificación Urbana (con el Plan de Regeneración Urbana - PARU) y Habitación Social (con el Plan de Acción Integrada para Vecinos en situación de necesidad – PAICD). Al final, analizamos como esos conceptos y esas acciones articulan la idea de cohesión e integración física y social en tres áreas de la ciudad: el casco antiguo, el parque del Choupal y la Encuesta de São Vicente.

PALABRAS CLAVES: regeneración urbana; Encuesta de São Vicente; estar en un lugar.

ABSTRACT

This article presents an experience, guided by research on the actions undertaken by the Encosta de São Vicente Urban Regeneration Program, in the city of Torres Vedras, located in the west of Portugal, 50 km from Lisbon. We sought to identify in these actions the practical application of the conceptual bases related to integrated conservation / integrated urban rehabilitation, presented in the objectives outlined by that program, notably integration / cohesion, in the physical and social dimensions. We use as methodological strategy of the report and analysis: the experience of the realization and records of the path, supported by the phenomenological basis of “be in place”, as a space endowed with meaning, character and existential basis. They are guided by the concept of Topophilia, understood as a perceived and experienced social fact, of life, daily life and the meaning [or meaning] of the place. Along this path, we will be able to identify actions related to the three aspects defined by the program: Mobility, through the Sustainable Urban Mobility Action Plan (PAMUS); Urban redevelopment through the Urban Regeneration Action Plan (PARU) and social housing through the Integrated Action Plan for Disadvantaged Communities (PAICD), linking them to an identification of the materialization of the principles of conservation integrated into the actions performed, contemplating the three aspects mentioned. In summary: the actions undertaken excel at the integration / physical-social cohesion of the three intervention areas, in distinct but continuous stages: the historic center, the Choupal park, and the Encosta de São Vicente.

KEYWORDS: urban regeneration; Encosta de São Vicente; be in place.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo visa relatar uma experiência norteada por pesquisas desenvolvidas acerca das ações empreendidas pelo Programa de Regeneração Urbana da Encosta de São Vicente, na cidade de Torres Vedras, Portugal, que envolveu reuniões com técnicos da Câmara Municipal e visitas às obras que estavam em curso naquele momento. Tais atividades tiveram por objetivo identificar, nas referidas ações, a aplicação prática das bases conceituais relacionadas à 'conservação integrada' / 'reabilitação urbana integrada', apresentadas nos objetivos traçados pelo referido programa, notadamente a integração/coesão nas dimensões física e social.

Utilizamos como estratégia metodológica do relato e análise a experiência da realização de percurso e respectivos registros. A atividade foi amparada na base fenomenológica do "estar no lugar", entendendo-se que o lugar se configura como espaço dotado de sentido, caráter e com base existencial (NORBERG-SCHULZ, 1979), e norteada pelo conceito de Topofilia (TUAN, 1980), definido por Alcântara (2008, p. 2-3), como "a noção do fato social percebido e experienciado, da vida, do cotidiano e do sentido [ou significado] do lugar".

A ideia desse texto é desenvolver um percurso, no qual serão identificadas as ações relacionadas às três vertentes definidas pelo programa: (i) Mobilidade, através do Plano de Ação de Mobilidade Urbana Sustentável (PAMUS); (ii) Requalificação urbana, através do Plano de Ação de Regeneração Urbana (PARU); (iii) Habitação de Interesse Social, através do Plano de Ação Integrada para as Comunidades Desfavorecidas (PAICD). Em tais ações buscaremos estabelecer vínculos com a materialização dos princípios da conservação integrada, contemplando as três vertentes mencionadas. Por fim discutiremos se as ações empreendidas até o momento primam (ou não) pela integração/coesão físico-social das três áreas intervencionadas, em etapas distintas, porém continuadas: o centro histórico, o parque do Choupal, e a Encosta de São Vicente.

2 PREPARANDO O PERCURSO: OS PROCESSOS DE REGENERAÇÃO URBANA EM TORRES VEDRAS

Inicialmente, faremos uma breve contextualização acerca do município e a cidade de Torres Vedras, com relação aos processos de reabilitação urbana, levando em consideração à valorização do patrimônio cultural.

Segundo o PEDU (2015), o Concelho de Torres Vedras situa-se na região Oeste (NUT III), pertence ao distrito de Lisboa, província da Estremadura. Integra, em termos de divisão administrativa, 13 freguesias e, atualmente com 79.465 habitantes, constitui-se, no contexto da região Oeste o território mais populoso (21,9%), o 2.º maior em extensão territorial (18,3%), o 1.º centro de emprego (22,9%) e o 1.º em concentração empresarial (23,5%). Neste sentido o PEDU informa que "esta relevância confere-lhe assim um papel fundamental na afirmação das dinâmicas funcionais da Região Oeste, detendo uma posição central estratégica". (PEDU, 2015, p. 6)

As origens de sua conformação urbana remontam ao período de ocupação romana (séc. III a.C), e até hoje podemos identificar vestígios dessa época (Cardus; Decumanus; cisternas). A presença muçulmana na história do lugar tem origem no ano de 711, com a ocupação do morro do Castelo. No ano de 1147 dá-se a Reconquista Cristã, e conseqüentemente a presença marcante da Igreja na morfologia do lugar. A partir do século XIV, o lugar se consolida como Vila Medieval (Câmara Municipal e Arquivo Municipal; Muralha; Portas da Vila). No século XVI, observa-se uma mudança de paradigma que rege as transformações urbanas, com o processo de afirmação do Poder Régio (obras no Castelo; Reconstrução de Edifícios: Igrejas; Paços do Concelho; Convento N.ª Sr.ª da Graça; Chafariz dos Canos; O Rio e a Vila; Hospital da Santa Casa da Misericórdia; 1º Conjunto de habitações).

O século XIX é marcado pelas transformações vinculadas à Revolução Industrial. No ano de 1886 é construída a Estação dos Comboios, vinculada ao processo de implementação de ramais ferroviários na região. Observa-se nesse período um crescimento periurbano, com a consolidação de uma zona Industrial e a construção do bairro dos Ferroviários. No século XX, passa-se a investir em atividades turísticas (Praia de Santa Cruz e Termas dos Cucos). Surgem novas tipologias edilícias, como hotéis e espaços comerciais (armazéns). A indústria metalúrgica se faz presente (Casa Hipólito), bem como os armazéns vinícolas.

No ano de 1987 é criado o Gabinete Técnico Local (GTL), e entra em vigor o Plano de Pormenor de Salvaguarda da Zona Histórica de Torres Vedras (PPSZHTV) – 1992/2010, com a classificação do Centro histórico como Área Crítica de Recuperação e Reversão Urbanística (ACRRU) -2000.

A partir dos anos 2000, a cidade de Torres Vedras tem apresentado um desenvolvimento urbanístico considerável, com o aparecimento de novas áreas urbanas e implementação de novos equipamentos e

funções, ocasionando desta forma um natural aumento da população e, por conseguinte, apontando desafios importantes no nível da organização espacial e funcional da sua estrutura urbana. Um dos grandes desafios consiste em minimizar os efeitos decorrentes de um processo de desenvolvimento urbano desigual que se verifica entre as duas colinas que estruturam o centro da cidade: a sul, o morro do Castelo, um espaço de grande valor histórico e simbólico para a cidade, estruturado em torno do Castelo e Igreja de Santa Maria, e ocupado por usos mais nobres (habitação, comércio, serviços e equipamentos); a norte, a encosta de São Vicente, desenvolvida em torno do Forte de São Vicente, também elemento de valor histórico e patrimonial. A área em questão, periférica, ocupada historicamente por usos menos “nobres” como fábricas, bairros operários, oficinas e armazéns, apresenta-se urbanisticamente desqualificada.

Diante do exposto, procuraremos a partir de então tratar de maneira específica as ações relacionadas ao programa de regeneração urbana da Encosta de São Vicente, buscando nas análises revelar a similitude entre os princípios da Conservação Integrada e os elementos norteadores das ações do Programa Torres ao Centro, levando em consideração os seguintes aspectos: 1. Integração entre as políticas de patrimônio e o planejamento urbano, considerando que o princípio da conservação - em oposição à já citada ideia de um crescimento ilimitado; 2. As municipalidades como as principais responsáveis pelo desenvolvimento dos programas e ações de conservação integrada; 3. A necessidade de se incentivar a participação de organizações privadas nas tarefas da conservação integrada, em parceria com as instituições públicas; 4. A orientação de que a recuperação de áreas urbanas degradadas deve ser realizada sem modificações substanciais da composição social dos residentes nas áreas reabilitadas; 5. A necessidade de um diagnóstico prévio dos espaços a serem alvos de intervenção; 6. O reforço à participação popular; Estratégias de articulação entre as ações de caráter interventivo (projetos urbanos e/ou arquitetônicos) e ações que visem identificar / reforçar o sentido de pertencimento dos usuários (residentes / comerciantes / visitantes) com o lugar. Nestas estratégias, incluem-se os programas relacionados à divulgação / promoção, à arte-educação, à cultura, e à educação patrimonial.

Ao iniciar as investigações acerca do programa de regeneração urbana da Encosta de São Vicente, uma das primeiras constatações é que este programa será planejado em uma perspectiva de continuidade com relação aos programas e projetos anteriores (Torres ao Centro e requalificação do Parque do Choupal)¹, vinculada a uma ideia de articulação / conexão / aproximação – física e social – entre o Centro Histórico e a Encosta. A abordagem sobre os espaços de valorização patrimonial se mostra, portanto, ampliada, ou seja, não está restrita a uma perspectiva reduzida da noção de Centro Histórico, mas, sim, contempla a ideia de uma Cidade Histórica. É esta ênfase que procuramos dar às investigações.

Ao nos debruçarmos sobre os documentos que definiram as ações relacionadas ao programa de regeneração urbana da ENCOSTA de SÃO VICENTE, elaboradas no âmbito do PEDU 2015, identificamos que as palavras COESÃO, INTEGRAÇÃO, são as mais evocadas em todo o processo. E são tratadas a partir da indissociabilidade entre as dimensões física e social – em suas diversas escalas –, o que nos faz lembrar do grande mestre Milton Santos e sua célebre definição de espaço². A leitura dos documentos nos possibilitou um embasamento prévio do que vem a ser o espaço a ser intervencionado, suas relações com as escalas em questão – da instância territorial à local – permitindo assim algumas análises prévias acerca das intervenções propostas.³

Podemos identificar de maneira clara que se intencionou estabelecer uma prática de continuidade às intervenções realizadas nas três áreas (Figura 1): (i) no Centro Histórico, vinculada ao programa Torres ao Centro; (ii) no Parque do Choupal, vinculada à requalificação paisagística do referido parque, subvencionada a partir do Programa Polis XXI; (iii) as ações decorrentes do Programa de Regeneração Urbana da Encosta de São Vicente, norteadas pelo PEDU 2015.

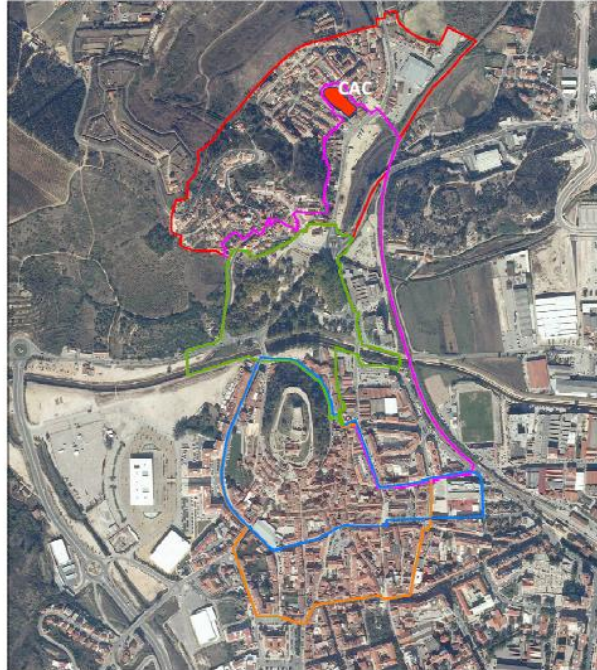
Parte-se, portanto, do princípio de que há a necessidade de alargar o próprio universo do que se entende como área de reconhecido valor patrimonial. A Encosta de São Vicente deve ser reconhecida como componente de um processo histórico relacionado à consolidação do espaço urbano da cidade. E para além, deve ser articulada, integrada com as demais áreas já devidamente reconhecidas como representativas deste processo. É necessário alargar o reconhecimento do Centro Histórico, e passar a se trabalhar com a ideia de Cidade Histórica.

Desta forma, procuramos construir um embasamento prévio acerca do programa e das ações decorrentes para, a seguir, relatar e analisar as experiências vivenciadas ao longo dos nossos períodos de pesquisas, *in loco*. Neste âmbito, surgiu a questão: como apresentar esta experiência? Qual estratégia utilizar?

Optamos por lançar mão do PERCURSO⁴ e do OBSERVAR como estratégias de apresentação das análises. Isso aconteceu notadamente por meio do uso do desenho e da fotografia, visto que, ao nosso ver, coaduna-se bem com a ideia de ARTICULAÇÃO, e de COSTURA. Trabalharemos, portanto, com uma construção metafórica na qual os bairros que constituem a Encosta serão apresentados como um TECIDO,

compostos, articulados por uma COSTURA (projetos) de FIOS (vias, percursos) e NÓS (intervenções arquitetônicas e urbanas). O objetivo desta narrativa é, portanto, apresentar e analisar as estratégias de costura nas escalas urbana, arquitetônica e nas dimensões física e social. Identificar os nós, os fios, e como a articulação entre estes elementos procuram reforçar o tecido enquanto construção social.

Figura 1: Áreas de intervenção – programas e ações realizadas na cidade de Torres Vedras. Ações continuadas



Legenda:

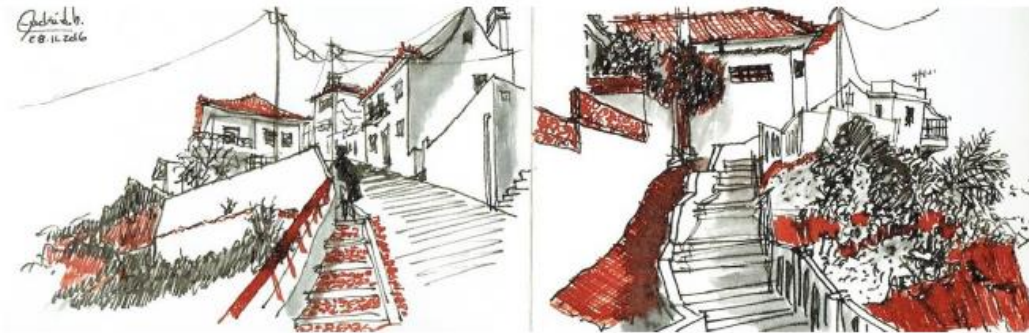
- limite da área de intervenção da ARU da Encosta de S. Vicente
- Limite da área de intervenção do PP de Reabilitação do Centro Histórico
- Limite da área de intervenção do PP do Choupal e áreas envolventes
- Limite da área de requalificação do Choupal - POLIS
- Limite da área de intervenção do programa de ação “Torres ao Centro” – Regeneração Urbana no Centro Histórico

Fonte: CMTY, 2015.

Essa relação entre o desenho e a cidade passou, então, a ser o norteador de uma importante ação no âmbito do programa de Regeneração Urbana da Encosta de São Vicente: ao optar pelo desenho como instrumento de construção do quadro de memória para as análises, foi observado que houve uma possibilidade maior de aproximação com os moradores, estes se sentindo mais à vontade a falar, bem como valorizados neste processo de (re)conhecimento do Lugar. Em complemento, o arquiteto André Duarte Baptista, coordenador das ações de regeneração urbana da Encosta de São Vicente, chama atenção para o reforço ao entendimento do valor patrimonial enquanto conceito subjacente às políticas de reabilitação urbana, vinculadas aos princípios da Conservação Integrada.

Nesse sentido, consideramos que a estratégia da utilização de desenhos e fotografias como elementos representativos da prática do experienciar o lugar, coaduna-se com o que está sendo desenvolvido como procedimento metodológico por parte da Câmara Municipal de Torres Vedras, em suas análises de reconhecimento do lugar, conforme ilustrado pela Figura 2.

Figura 2: Desenhos realizados em trechos da Encosta de São Vicente, que compõem os estudos prévios e reconhecimento das patologias das edificações.



Rua Anibal Gaspar, privilegiada pela relação de proximidade com o Parque Verde do Choupal e o Centro Histórico, exposição solar e vista panorâmica. O principal constrangimento são as acessibilidades comprometidas pela topografia – rua com inclinação acentuada.



Arquitectura Popular.

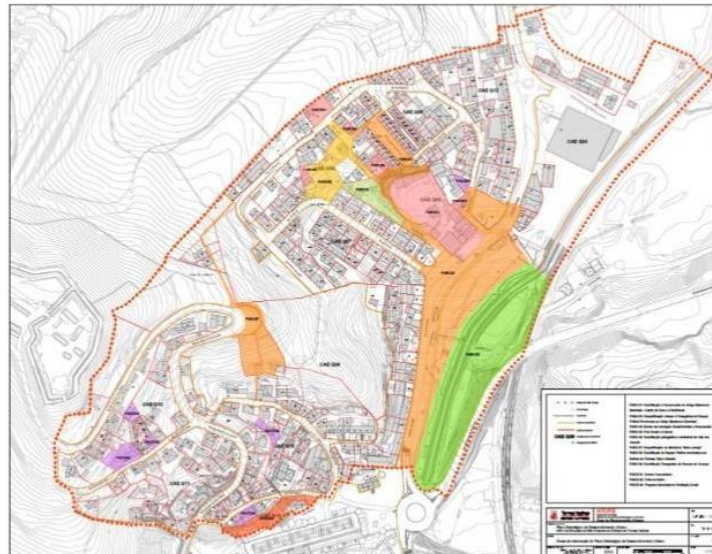
Fonte: desenho do arquiteto André Duarte Baptista (CMTV,2015).

No mapa síntese dos projetos (costuras) propostos para a Encosta (Figuras 3 e 4., podemos identificar que o número de propostas de intervenções é amplo. Isso se torna especialmente notável se considerarmos a inclusão deste conjunto de ações (o que se pretende fazer), além do que está previsto no Programa de Regeneração Urbana Encosta de São Vicente (Programa Portugal 2020).

Não é intenção nossa analisar todas as costuras (executadas, em execução ou ainda em projeto). Utilizaremos, portanto, a estratégia metodológica do PERCURSO, no intuito de identificarmos os princípios de INTEGRAÇÃO e de COESÃO propostos. Desta forma, à medida que percorrermos os espaços designados, iremos identificando os elementos que compõem a integração pretendida (os fios e os nós que compõem as costuras pretendidas no tecido da Encosta de São Vicente), bem como os modos de articulação entre esses elementos. Iremos nos deter, portanto, a um percurso estabelecido entre as ruas Guilherme Gomes Fernandes (Centro Histórico) e Aníbal Gaspar (Bairro Choupal – Encosta de São Vicente). Durante esse percurso nos reportaremos à presença dos seguintes elementos:

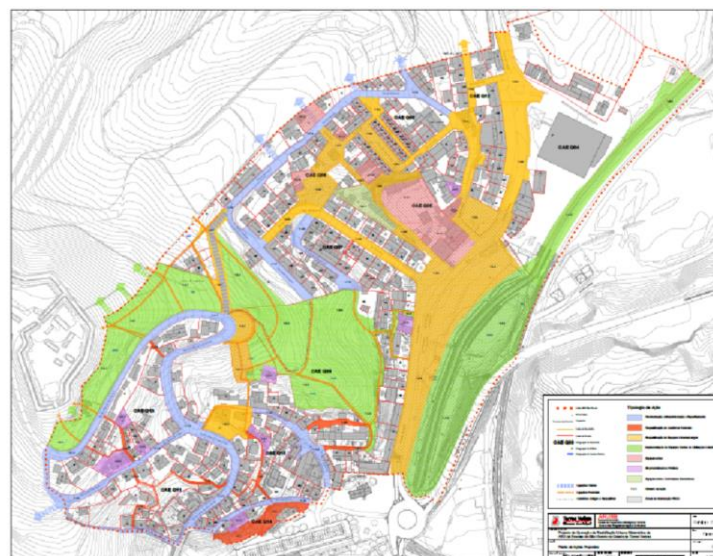
- A passarela do Parque do Choupal (FIO);
- O Parque do Choupal e seus equipamentos (NÓS)
- Projeto Núcleo A – Habitação de Interesse Social (NÓ);
- Arranjo dos platôs de articulação entre o Parque do Choupal e o Núcleo A (NÓS – FIO).

Figura3: Identificação das áreas de intervenção relativas ao Programa de Regeneração Urbana da Encosta de São Vicente.



Fonte: CMTV

Figura 4: Simulação da continuidade das ações, pós-Programa de Regeneração Urbana de Encosta de São Vicente.



Fonte: CMTV

Antes de iniciarmos os percursos, consideramos necessário retomar a informação de que as ações definidas pelo PEDU (as costuras, em nossa construção metafórica).

De início, relembremos o principal desafio do conjunto das ações a serem implementadas pelo PEDU 2015: minimizar os efeitos decorrentes de um processo de desenvolvimento urbano desigual: a sul, o morro do Castelo; e a norte, a encosta de São Vicente. Objetiva-se, portanto, “aproximar socialmente’ e ‘cerzir fisicamente’ os dois polos que integram o perímetro da cidade de Torres Vedras, atualmente com dinâmicas socioeconómicas, habitacionais e populacionais completamente distintas entre si” (PEDU, 2015, p. 11). Essas ações estão estruturadas em três planos: o Plano de Ação de Mobilidade Urbana Sustentável (PAMUS) – que visa implementar ações de “promoção de estratégias de baixo teor de carbono”; o Plano de Ação de Regeneração Urbana (PARU) - visa a “adoção de medidas destinadas a melhorar o ambiente urbano”; e o Plano de Ação Integrada para as Comunidades Desfavorecidas (PAICD) – visa a “concessão de apoio à regeneração física, económica e social das comunidades desfavorecidas”.

No caso de nossa investigação, demos ênfase às costuras relacionadas aos segundo e terceiro planos, cada um destes norteados por algumas ações prioritárias.

- No que diz respeito ao PARU, as ações estão relacionadas à Área de Reabilitação Urbana da Encosta de São Vicente, e chamamos atenção para: (i) a valorização urbana e ambiental, criação e requalificação dos espaços públicos e das zonas verdes; (ii) promoção da reabilitação do tecido edificado, pela concessão de crédito às obras dos particulares.

- Com relação ao PAICD, o mote para as ações é o desenvolvimento de projetos de natureza social, em parceria com algumas associações da cidade. Nesse campo, chamamos atenção para a implementação de um programa de aquisição e reabilitação de edifícios visando a sua afetação a habitação social, vertente onde existe um grande défice de resposta face às necessidades.

Feita esta contextualização, relataremos a experiência do percurso realizado entre o Centro Histórico e a Encosta de São Vicente.

3 O PERCURSO: UM FIO QUE CONDUZ DO CENTRO HISTÓRICO À CIDADE HISTÓRICA [da rua Guilherme Gomes Fernandes à rua Aníbal Gaspar]

Iniciamos nosso percurso pela Rua Guilherme Gomes Fernandes, no trecho em que a rua faz transição com um dos acessos ao parque do Choupal. No trecho relativo à referida rua, identificamos uma morfologia notabilizada por vias estreitas e edifícios locados no alinhamento da rua, da predominância da massa construída, da identificação de um ritmo marcado pelas aberturas dos vãos (portas e janelas), elementos estes, típicos da morfologia do centro histórico no âmbito geral. Identificamos também as intervenções realizadas na caixa da via, incorporando a essa um “caminho” executado em pedra (ataija) no seu eixo, no que cremos que tenha o objetivo de qualificar a via no âmbito da acessibilidade (Figura 5).

Figura 5: Início do percurso. Rua Guilherme Gomes Fernandes.



Fonte: Desenho dos autores

Continuando o percurso, podemos perceber que em um dado instante a percepção de estreitamento visual motivado pela morfologia da rua começa a dar espaço a outro caráter morfológico. O campo visual é alargado: passamos de um espaço fechado a um espaço aberto, resultado de uma intervenção que objetivou a adequação do local para receber a conexão com a passarela de articulação com o Parque do Choupal. Esta intervenção consistiu na demolição de alguns edifícios para a criação do denominado “Pátio Alfazema”. Nesta nova configuração do lugar, podemos avistar de um lado, no alto, o castelo; de outro, resquícios de demolições. O tratamento do piso muda. Algo se anuncia. De longe se avista a Encosta de São Vicente, por entre a vegetação existente no Parque do Choupal. Ao caminhar um pouco mais: brinquedoteca, passarela, Miradouro Meia-laranja, A Encosta se faz mais presente (Figura 6).

A parada foi mais longa no Parque do Choupal. Atravessamos a passarela de articulação fazendo o exercício de rememoração das leituras prévias acerca das intervenções realizadas na área, localizada na margem direita do rio Sizandro, iniciada no ano de 2014, vinculada ao Programa Polis XXI, cujo objetivo

principal foi dirimir problemas relacionados ao isolamento e abandono da área em relação ao centro da cidade, e cuja intervenção consistiu: na recuperação ambiental e paisagística do jardim do Choupal e zona envolvente; melhoramento das margens do rio; na colocação de uma ponte pedonal a ligar as duas margens do rio; Requalificação da ermida de Nossa Senhora do Ameal; e na inserção de dois novos equipamentos – Brinquedoteca e Cafeteria –, tendo em vista potencializar a apropriação do lugar.

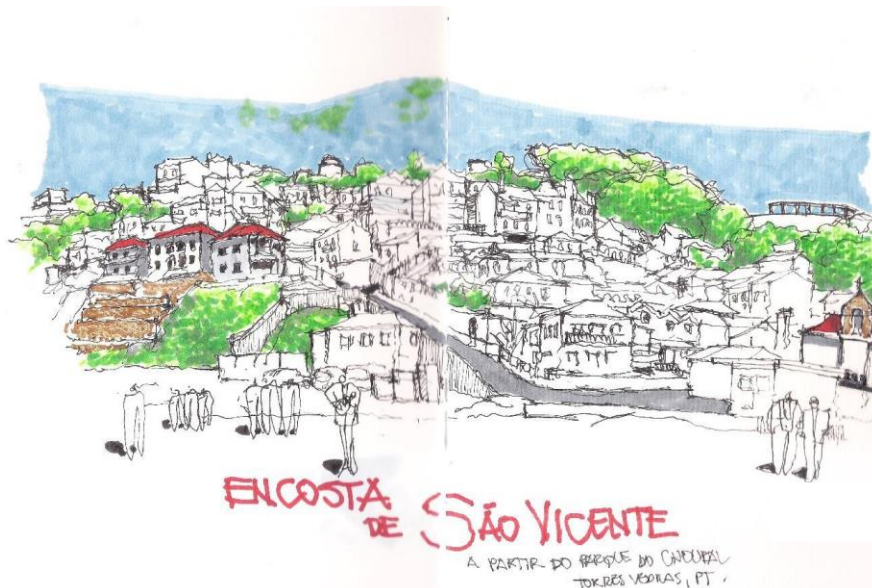
Figura 6: Parque do Choupal + Encosta de São Vicente.



Fonte: Desenho dos autores

Uma visão já guardada na memória, que é ressignificada. Incorporam-se outros elementos: as três casas, os platôs. Ali há uma intervenção (Figura 7).

Figura 7: Encosta de São Vicente.



Fonte: Desenho dos autores

A aproximação pela rua Aníbal Gaspar apresenta dois aspectos que merecem destaque, o primeiro se refere ao desafio de vencer a pé a acentuada inclinação topográfica até a cota mais alta da encosta, onde estão localizadas as edificações; o segundo diz respeito à qualidade cênica que se descortina ao longo do percurso, à medida que se ganha altura, o Parque Verde do Choupal, o rio Sizandro, o Castelo e o centro histórico. Essa relação privilegiada levou a Câmara Municipal a intervir de forma integrada nesse espaço,

aliando a necessidade de requalificação da encosta à reabilitação de edifícios para habitação social, a partir de ações inscritas no PEDU: PAICD. 04 - Programa Municipal de Habitação Social (1ª Fase - Núcleo A) e PARU.09 – Reabilitação Paisagística da Encosta do Choupal. Tais intervenções têm por objetivo permitir a ligação funcional entre a cota do Parque do Choupal e a cota alta da encosta com a inserção de percursos pedonais que promoverão novas dinâmicas sociais além de melhorar a qualidade ambiental da área.

O Núcleo A é composto por dois edifícios habitacionais destinados ao aluguel, com vistas à inclusão social de famílias carenciadas. O Edifício 1 é uma habitação unifamiliar do tipo sobrado, com dois quartos. O Edifício 2 é composto por quatro unidades habitacionais de dois quartos e um pavimento de depósitos.

A premissa da intervenção mínima, que norteia os projetos de reabilitação, busca preservar, ao máximo, as preexistências e a sustentabilidade financeira das obras. Deste modo, busca-se, fundamentalmente, reformular a organização funcional e sanar as patologias do edifício melhorando as suas condições de conforto e salubridade. Imbuídos dessas informações seguimos na visita às obras que, apesar de já iniciadas, ainda permitiram observar o estado de degradação em que se encontravam as edificações, decorrente da ação da umidade e da falta de manutenção adequada ao longo do tempo. A primeira edificação visitada foi o “Edifício 2”, nele, as 4 habitações estão distribuídas em dois níveis, sendo um deles situado acima da cota do arruamento (Figura 8), e outro pavimento, de pé direito mais baixo, destinado à depósitos inserido na encosta. Trata-se de uma edificação residencial popular com linguagem arquitetônica tradicional, totalmente branca, em alvenaria de tijolos, cobertura em telha cerâmica apoiada em estrutura de madeira e esquadrias também em madeira.

Figura 8: Edifício 2, acesso pela rua Aníbal Gaspar

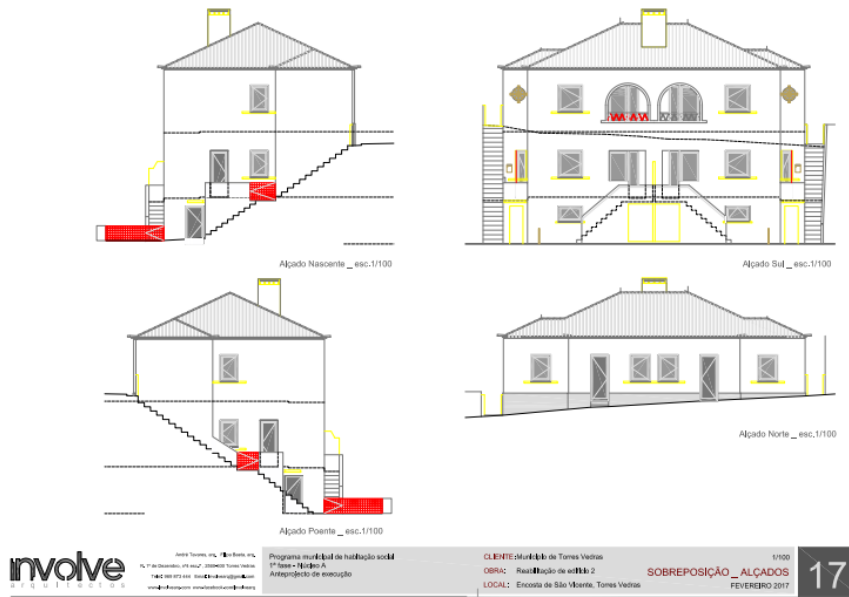


Fonte: Desenho dos autores

As unidades habitacionais possuem sala e cozinha em espaços independentes, dois quartos, um banheiro e uma varanda. Dois apartamentos, de plantas simétricas, possuem acesso independente pela Rua Aníbal Gaspar. Na fachada orientada a norte (Figura 9) também estão localizadas as janelas da sala e de um dos quartos de cada apartamento.

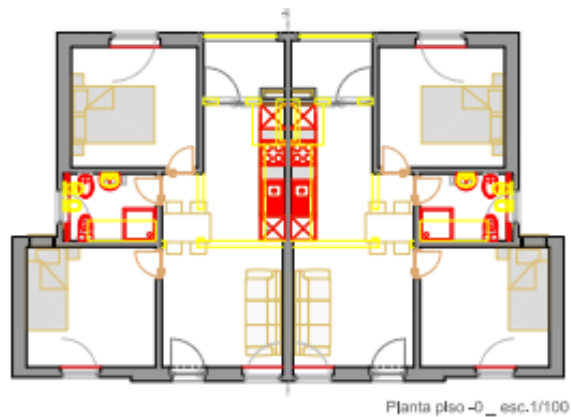
A intervenção nesse nível previu a demolição da parede divisória entre a sala e a cozinha (Figura 10), a fim de ampliar esses espaços (com a adição do corredor), bem como a troca dos equipamentos e instalações da cozinha e banheiro. Foi possível constatar na obra, que a retirada da parede proporcionou, além do ganho espacial, a integração visual, desde a sala, com o Parque do Choupal (Figura 11), favorecendo as condições de iluminação natural como um todo. A sensação é que “o parque invade a casa”, através da possibilidade de integração visual, predominantemente identificada após a retirada da parede divisória, mas que não se restringe somente ao espaço da sala; esta relação é observada (e experienciada) em praticamente todos os cômodos, por meio da integração visual possibilitada pelas aberturas.

Figura 9: Fachadas do Edifício 2



Fonte: Programa Municipal de Habitação Social (CMTV)

Figura 10: Planta de reforma do piso 0



Fonte: Programa Municipal de Habitação Social (CMTV)

Figura 11: Integração da sala com a cozinha e varanda



Fonte: Foto dos autores

A exigência relacionada ao conforto ambiental na edificação gera a necessidade de substituição de alguns elementos construtivos por outros mais eficientes. As esquadrias são um exemplo disso, como também o

forro. Durante a obra, quando da retirada desses materiais, faz-se o registro do fabricante, quando possível, no intuito de resgatar a história da construção civil no município à época da ocupação da Encosta de São Vicente.

Nesse pavimento, foi necessário a substituição da laje de piso da sala e quarto, para tanto, optou-se por um sistema mais leve de vigas metálicas e placas de OSB, sobre as quais será assentado o piso (Figura 12).

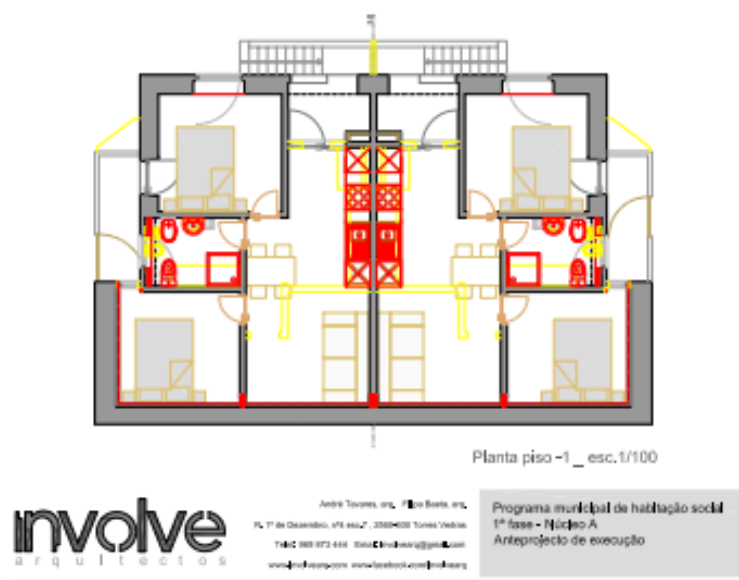
Figura 12: Substituição do forro e laje de piso



Fonte: Foto dos autores

A intervenção no piso -1 prevê ações que visam garantir condições de conforto e salubridade, principalmente, aos ambientes que se encontram incrustados na encosta. Tratam-se originalmente dos quartos, sendo que dois deles não possuem iluminação e ventilação natural e apresentam área muito pequena. Optou-se por mudar o acesso e a posição da sala; demolir as paredes que determinavam o quarto menor, de forma a criar um único ambiente de sala e cozinha, garantindo que todos possam ter aberturas para o exterior e áreas compatíveis com o uso. (Figura 13)

Figura 13: Planta de reforma do piso -1



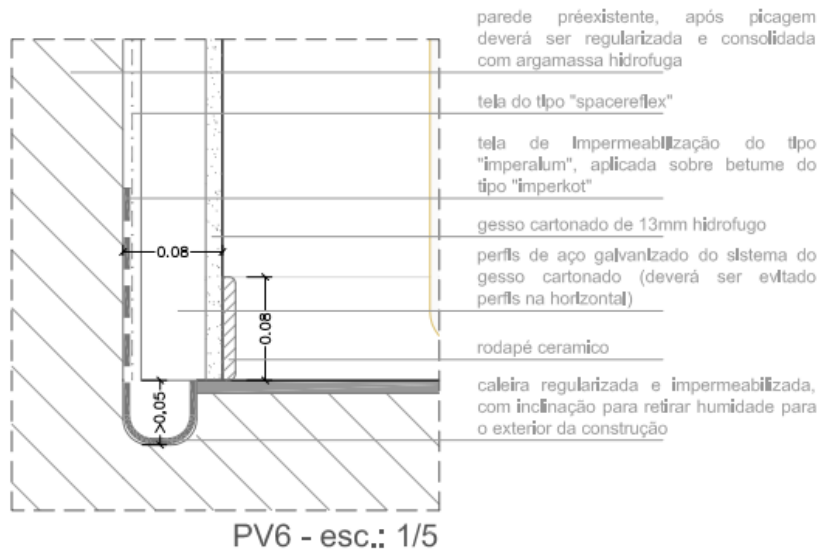
Fonte: Programa Municipal de Habitação Social (CMTV)

Outra ação que visa melhorar as condições de salubridade dos ambientes é o tratamento das paredes que estão em contato com a encosta. Além da impermeabilização das paredes preexistentes, foram inseridas

canaletas para conduzir a umidade para fora da edificação, placas de gesso acartonado hidrofugante dão acabamento a esse conjunto. (Figuras 14 e 15)

Figura 14: Detalhe do projeto

Figura 15: Canaleta de escoamento



Fonte: Programa Municipal de Habitação Social (CMTV)

Fonte: Foto dos autores

A mudança dos acessos deste pavimento se coaduna com a intervenção prevista para a encosta, que visa a inserção de rampas e patamares à Sul, favorecendo a acessibilidade (não proporcionada na Rua Aníbal Gaspar).

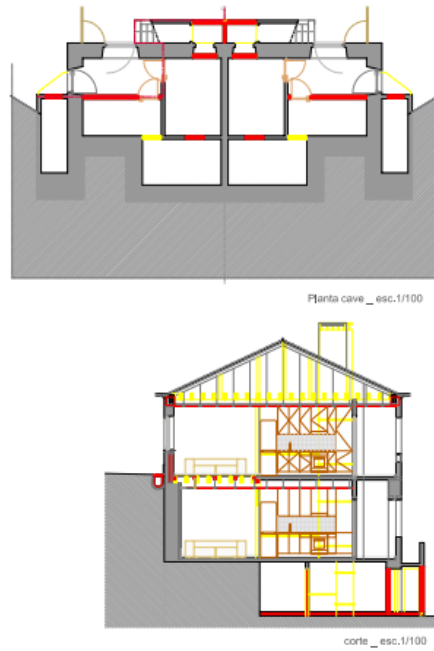
Por fim, alcançando o pavimento inferior, observa-se que foi reorganizado de modo a garantir que cada apartamento tenha um depósito (Figura 16). São ambientes com pé-direito baixo e sem janelas.

Concluída a visita nessa obra, nos dirigimos ao Edifício 1, que é uma habitação unifamiliar de dois pavimentos e, originalmente, com dois quartos (Figura 17). O acesso ao edifício se dá por um patamar intermediário aos dois pavimentos, de forma que, ao descer um lance de escada se chega ao piso social já reformado, no qual a cozinha foi convertida em quarto, modificando a tipologia para três quartos, que é demandada pelas famílias carentes que o projeto pretende beneficiar. A nova cozinha é integrada à sala e ocupa o espaço em que havia um depósito. O acréscimo de mais um quarto leva a necessidade da inserção de um lavabo que é acomodado em um espaço embaixo da escada onde também serão instalados o termo acumulador e uma máquina de lavar.

Para abrigar um quarto, o ambiente em que antes estava a cozinha, recebe tratamento de paredes e forro que garantam o conforto térmico necessário. Para tanto, as esquadrias externas são substituídas por outras mais eficientes (Figura 18), não só do ponto de vista térmico, como também do isolamento acústico, uma vez que estas se abrem para o Parque do Choupal e as vias de trânsito rápido que o circundam.

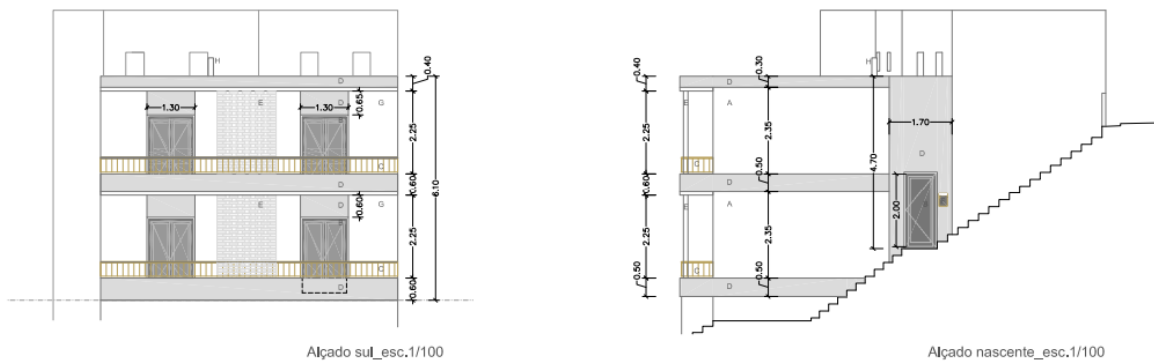
Na zona privativa, localizada no pavimento superior da habitação, composta por dois quartos e um banheiro, não houve alterações significativas em termos de função, sendo trocadas as esquadrias externas e reorganizadas as instalações sanitárias. Elementos característicos da edificação foram mantidos, tais como armários embutidos e portas internas, por se encontrar em bom estado de conservação (Figuras 19 e 20).

Figura 16: Planta baixa do pavimento dos depósitos e corte do Edifício 2



Fonte: Programa Municipal de Habitação Social (CMTV)

Figura 17: Fachadas do Edifício 1



Fonte: Programa Municipal de Habitação Social (CMTV)

Figura 18: Novas esquadrias e adição de placas de gesso acartonado no dormitório



Figura 19: Portas internas originais



Figura 20: Armário embutido original



Fonte: Foto dos autores

E como essas duas edificações se articulam com o projeto de melhoria das condições de acessibilidade da encosta? A existência das escadarias de acesso às habitações que estão localizadas nos níveis abaixo da rua Aníbal Gaspar por entre as edificações, foi um fator determinante para a aquisição desses edifícios pela Câmara (Figuras 20 e 21). Uma vez garantido o acesso público a essas escadas, que serão regularizadas para garantir o conforto do usuário, estas serão conectadas por meio de rampas e terraços à cota mais baixa no nível do Parque do Choupal (Figuras 22 e 23). Os terraços serão destinados aos moradores dos edifícios, que estão sendo reabilitados, para que estes cultivem hortas, resgatando costumes tradicionais, como também, para garantir alimento a essas famílias carentes.

Figura 20: Acesso pela Rua Aníbal Gaspar



Figura 21: Acesso visto pela face Sul



Figura 22: Encosta em obras



Figura 23: Encosta vista à partir do Parque do Choupal



Fonte: Fotos dos autores

Deste modo a nova opção de percurso – como uma alternativa a mais de articulação entre o Parque do Choupal e a rua Aníbal Gaspar – garante a qualificação espacial e o princípio da integração – física e social – do lugar. E, nesse sentido, podemos constatar – e experienciar – que as intervenções reforçam este princípio, pois possibilitam a articulação entre os nós – o parque e as habitações – por meio da nova costura – as rampas e as escadarias.

Mantendo a condição pública desses espaços, o novo acesso à encosta favorece não só aos moradores das habitações adquiridas e reabilitadas pela Câmara, como também aos demais moradores dos níveis mais altos da encosta de São Vicente, uma vez que essa intervenção se articula a outras que estão previstas no âmbito do PEDU 2015. Tal intervenção dá continuidade a outras já executadas que dotaram o Parque do Choupal de equipamentos de sociabilidade e integração com o centro histórico, tais como a passarela de uso exclusivo para pedestres e ciclistas, o café Xeirinho, o Atelier dos Brinquedos entre outros.

4 CONCLUSÃO

Ao finalizarmos o percurso, procuramos retomar os pontos que nortearam o caminho trilhado, e podemos constatar a materialização da intenção de integração física entre o Centro Histórico e a Encosta, propiciada pela continuidade das ações relativas ao programa Torres ao Centro, à requalificação do Parque do Choupal, e ao Programa de regeneração urbana da Encosta de São Vicente. Esses conjuntos de ações empreendidas de forma continuada, possibilitam a concretização do objetivo de CERZIR / COSTURAR / INTEGRAR as áreas (TECIDOS), anteriormente fragmentadas. A costura propiciada aproxima o Centro

Histórico e a Encosta e faz do Parque do Choupal um forte elemento de articulação (NÓ) entre as duas áreas, tendo a passarela um importante papel nessa articulação, como FIO condutor.

Pudemos identificar também que o objetivo de INTEGRAR as três vertentes que compõem o PEDU (mobilidade / PAMUS, reabilitação urbana / PARU e habitação de interesse social / PAICD), se apresenta contemplado nas ações que puderam ser observadas no percurso realizado, através das propostas de articulação entre as ações de estabilização da encosta, inserção dos acessos pedonais que interligam a cota do parque do Choupal à rua Aníbal Gaspar (gerando a possibilidade de um novo acesso a esta via a partir do parque e assim, criando uma nova COSTURA a parte deste FIO), aliadas às intervenções nos edifícios selecionados para receberem as habitações de interesse social.

Consideramos que, na instância das intervenções físicas, as ações nos possibilitam entrever que os princípios da conservação integrada se fazem presentes. É nosso propósito continuarmos a realizar novos percursos e, à medida em que as intervenções forem sendo concluídas e os espaços apropriados pela comunidade, poder nos certificar que as ações atingirão o propósito da COESÃO SOCIAL.

5 REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, D. *Abordagem Experiencial e Revitalização de Centros Históricos: os casos do Corredor Cultural no Rio de Janeiro e do Gaslamp Quarter em San Diego*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

CÂMARA MUNICIPAL DE TORRES VEDRAS. *Torres ao Centro: regeneração urbana no centro histórico de Torres Vedras*, 2010.

_____. *Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano, Torres Vedras (PEDU Torres Vedras)*. Setembro/2015. Inclui em anexo o Plano de Ação de Regeneração Urbana (PARU).

_____. *Programa Municipal de Habitação Social (Fase 1): memória descritiva e justificativa*. Torres Vedras, 2015.

LEFEBVRE, H. *Critique de la Vie Quotidienne I: introduction*. Paris: l'Arche Éditeur, 1958.

NORBERG-SCHULZ, C. *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Londres: Academy Press, 1979.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EDUSP, 2003.

TUAN, Y. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980.

NOTAS

¹ Com relação a estes projetos anteriores, foi elaborado um artigo, intitulado "Em Busca da Valorização do Lugar: Programas e Ações de Reabilitação Urbana no Centro Histórico de Torres Vedras, Portugal", em que se discutiu sobre programas e ações de reabilitação urbana ancoradas nos princípios da Conservação Integrada, tendo como universo empírico de estudo as ações executadas nos anos 2000 na cidade de Torres Vedras, Portugal, vinculadas ao Programa Polis XXI.

² SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EDUSP, 2003.

³ Notadamente o Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano do Município de Torres Vedras (PEDU, 2015), e os documentos relativos aos memoriais descritivos dos projetos propostos. Toda esta documentação está referenciada na bibliografia, ao final deste artigo.

⁴ A estratégia do PERCURSO está vinculada à abordagem fenomenológica, que toma o lugar como conceito-base. Utilizaremos como referencial teórico-conceitual autores já consagrados acerca deste conceito, englobando a Topofilia, de Yi-Fu-Tuan (1980), o Genius Loci, desenvolvido por Christian Norberg-Schulz. Destacamos o entendimento do lugar enquanto espaço dotado de sentido, caráter, e com base existencial. Corroboramos, portanto com Alcântara (2008), ao apresentar a Topofilia como "a noção do fato social percebido e experienciado, da vida, do cotidiano e do sentido [ou significado] do lugar" (ALCÂNTARA, 2008, p. 2-3). Aproximamos este conceito à prática cotidiana, a partir de Lefebvre (1958), ao afirmar que é no cotidiano – como lugar de vida – que se assegura, o lugar no mundo. Ao ato de observar como procedimento metodológico utilizado para a leitura meticulosa do lugar a partir da abordagem fenomenológica, incorporamos na presente investigação, a perspectiva do observar participante e do experienciar, ancorada na metodologia da Observação Incorporada (ALCÂNTARA, 2008).

NOTA DO EDITOR (*) O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do(s) autor(es).